

ARTIFÍCIO PARA O CLIMA

No final do século passado, a expedição de pesquisadores, conhecida como Crulls, identificou na região do Planalto Central uma área onde se uniam diversos cursos d'água. Os cientistas concluíram que a região teria abrigado um lago pré-histórico que poderia ser facilmente recriado com a construção de uma represa.

Quando os primeiros estudos para a construção da nova capital começaram a ser feitos, os resultados da expedição foram decisivos, pois os projetos ortotônicos exigiam a presença de um lago.

Ao mesmo tempo que os edifícios eram erguidos, era também formado o Lago Paranoá. Um lago urbano, com cerca de 40 quilômetros quadrados de área e com uma profundidade média de 13 metros. Além do aspecto paisagístico, ele teria outras funções: atenuar os efeitos da baixa humidade relativa do ar e servir de área de lazer à população.

A falta de cuidados e a alta densidade demográfica (cerca de 620 habitantes por quilômetro quadrado) nas suas mar-

gens provocaram danos ambientais que começaram a aparecer no início da década de 70. Em virtude do esgoto doméstico que era jogado de forma indiscriminada nas águas do lago, em novembro de 1978 uma onda fétida cobriu toda a cidade.

No ano seguinte, a Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb) fez um estudo e concluiu que o principal problema era os dejetos domésticos. A solução proposta incluía a coleta e o tratamento dos esgotos de toda a bacia.

Em 1993, após cinco anos de obras, entrava em operação a Estação de Tratamento Sul, com capacidade para tratar até 1,8 mil litros de esgoto por segundo. O processo utilizado, conhecido como Phoredox, retira os nutrientes do esgoto por meios biológicos. Com isso, passou-se a remover com sucesso 92% do nitrogênio, 95% do fósforo e 99,9% de coliformes.

No ano seguinte, a Estação de Tratamento Norte, cuja capacidade é de 1,1 mil litros por segundo, era inaugurada.